

**SAPATO DE SALTO:
PROVOCAÇÃO À EMPATIA
DO LEITOR**

SAPATO DE SALTO:
*PROVOCATION TO THE
READER'S EMPATHY*

Antonia Rodrigues da Cruz¹
(UNEMAT)

Aroldo José Abreu Pinto²²
(UNEMAT)

RESUMO: O presente artigo objetiva ponderar sobre a questão da força criadora e integradora da literatura na obra *Sapato de*

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso, (UNEMAT/ Tangará da Serra-MT).

² Doutor em Letras pela UNESP/Assis-SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado do Mato Grosso/UNEMAT, Campus de Tangará da Serra-MT. Professor do Departamento de Letras, Campus da UNEMAT de Alto Araguaia-MT. e-mail: aroldoabreu@uol.com.br. Este trabalho está inserido em um projeto mais amplo realizado junto ao acervo do escritor Ricardo Ramos e denominado “Acervo de Ricardo Ramos: disponibilização e organização de 1975 - 1980”, financiado pela UNEMAT/PRPPG e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq – Brasil.

Salto, da escritora Lygia Bojunga. Partimos dos apontamentos de Cândido (1972) sobre o caráter humanizador do texto literário e, considerando alguns elementos da narrativa, tais como o narrador e as personagens, buscamos compreender como alguns dos recursos discursivos da ficção bojunguiana parecem empreender um claro esforço para provocar a identificação com seu interlocutor, fazendo-o refletir sobre sua própria realidade individual e suas relações no meio em que se insere.

PALAVRAS-CHAVE: Lygia Bojunga; *Sapato de Salto*; narrativa; leitor; caráter humanizador.

ABSTRACT: This article aims to ponder the question of the creative and integrating force of literature in the work *Sapato de Salto*, by the writer Lygia Bojunga. We start from Cândido's (1972) notes on the humanizing character of the literary text and, considering some elements of the narrative, such as the narrator and the characters, we seek to understand how some of the discursive resources of Bojunga fiction seem to undertake a clear effort to provoke the identification with his interlocutor, making him reflect on his own individual reality and his relationships in the environment in which he operates.

KEYWORDS: Lygia Bojunga; *Sapato de Salto*; narrative; reader; humanizing character.

Considerações iniciais

A tentativa aqui será flagrar o que acontece de significativo na ficção brasileira atual, de maneira a enxergar as continuidades e, principalmente, as rupturas produzidas pelos escritores contemporâneos.
(SCHØLLHAMMER, 2011, p. 21)

Conforme nos lembra Karl Erik Schollhammer (2011) na epígrafe acima, a ficção brasileira contemporânea (2011) tem se destacado pela busca constante de romper com certas estruturas

mais ou menos cristalizadas em relação às representações de questões que conformam e estruturam a sociedade atual. O que se deve notar mormente são os caminhos empreendidos pelos ficcionistas para atingir tal fim e, nesse sentido, atentar para a constituição de certos modos de representação e conteúdos representados por alguns escritores na atualidade torna-se um desafio bastante palpável. Desse modo, neste esforço de reflexão, optamos por considerar a força criadora e integradora que constitui a obra *Sapato de Salto*, da escritora Lygia Bojunga Nunes, destacando algumas das possíveis “rupturas” experimentadas por essa ficcionista.

Reconhecida sobretudo pela sua capacidade de aproximação com os “subjetivismos humanos” em sua produção dirigida em grande parte ao público jovem, Lygia Bojunga, na obra ora tomada para reflexão, *Sapato de Salto*, publicada em 2006, após quatro anos de ausência da autora do campo literário, não se exime de apontar certas individualidades, certas particularidades, certas distinções que conformam as personalidades humanas e, assim sendo, parece ambicionar romper com certas expectativas do leitor, concretizando o que Antonio Candido (1972) chama de caráter humanizador da literatura, ou seja:

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p.180).

Ainda de acordo com Candido, a literatura nos possibilita viver dialeticamente os problemas existentes em sociedade, o que permite adentrar mais profundamente nas questões humanas e isso se dá, também de acordo com o mesmo crítico, porque

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade (CANDIDO, 1972, p. 53).

Neste seu conceito de literatura fica patente a necessidade de atentarmos para o texto ficcional a partir de diferentes perspectivas, mas sem perder de vista que a ficção pode dar uma força de representação aos fatos que muitas vezes não conseguimos captar nas próprias ações ou fatos que serviram de mote inicial para a escrita. Isso ocorre, não raras vezes, porque a sociedade preconiza e/ou padroniza atitudes que considera apropriadas, positivas ou nocivas, negando ao jovem leitor do acesso a essa visão dialética da realidade.

Em Sapato de Salto Lygia Bojunga dedica-se a dar continuidade a um longo projeto de vida que é a manutenção da Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, espaço que a autora prefere chamar de “casa editorial para seus personagens”. Nela, a escritora dá vida ao desejo de aprofundar sua relação com o livro, conhecendo e esmiuçando o caminho que este tem que percorrer até chegar às mãos dos leitores, e também realiza projetos com crianças e adolescentes de comunidades de baixa renda destinados a “avivar o interesse pela Literatura e os cuidados com a Mãe Terra” (BOJUNGA, 2018, Contracapa) por meio de oficinas de leitura, teatro, reciclagem, xadrez e trabalhos manuais. As atividades e espaço são mantidos pelos recursos gerados pelas vendas dos livros de Bojunga e pelo prêmio ALMA – *Astrid Lindgren Memorial Award* que recebeu do governo da Suécia, em 2004. O prêmio homenageia Astrid Lindgren - uma das escritoras mais importantes da Suécia - e é concedido a escritores da literatura infantil/juvenil que combinam integridade artística com compromisso com os direitos da criança e do jovem. Nesse sentido, transpondo para *Sapato de Salto*, o cotidiano de muitas crianças e adolescentes que não têm lar, desenvolvem trabalho

pesado, não podem estudar e ainda são abusadas e exploradas sexualmente, Bojunga consegue vincular ao texto literário a latente desproteção social que assola nosso país.

As ações do enredo são representadas dentro de um contexto realista da sociedade brasileira contemporânea e desencadeiam no leitor reflexões internas e questionamentos profundos acerca dos acontecimentos sociais que o resultado só pode ser o que Cândido (1972) tão bem definiu como sendo função da literatura: a humanização do homem.

É a partir deste viés que propomos realizar uma breve análise da narrativa em questão, abordando a questão da força criadora e integradora da literatura bojungaiana. Considerando alguns elementos da narrativa, tais como o narrador e as personagens, buscar-se-á compreender de que maneira a obra *Sapato de Salto* contribui para provocar determinada empatia no interlocutor, fazendo-o refletir sobre sua própria realidade individual e da sociedade que se insere, podendo modificar sua maneira de pensar e de agir consigo mesmo e com o outro.

Um sapato e um salto para o leitor: ponderações, caminhos e juízos sobre *Sapato de Salto*

A personagem principal de *Sapato de Salto* é Sabrina, uma menina que tem apenas dez anos de idade, quando chega à casa do casal Matilde e Gonçalves para trabalhar como babá. Abandonada pela mãe, logo ao nascer, à porta de um orfanato, Sabrina deposita, ingenuamente, no casal, seu sonho de ter pai, mãe, irmãos e uma casa para morar com comida quente para saciar a fome todos os dias e um quarto para dormir. Entretanto, o que a órfã recebe na casa são maus tratos físicos e emocionais concomitantes a estupro de vulnerável. Sua sorte muda um pouco após a chegada inesperada na porta do casal de uma tia que ninguém jamais imaginara que

existisse. A personagem, denominada Inês, de passado escuro, tenta se redimir dos erros indo atrás da menina e tomando para seus cuidados sua mãe, uma senhora com problemas mentais que, devido às perdas que sofrera na vida, não possui noção de tempo e realidade e Sabrina, sobrinha que descobriu a existência ao ler o bilhete deixado por sua irmã mais nova com uma amiga. O plano da “tia Inês”, de nunca mais voltar à cidade grande e viver para sempre na casa humilde do interior, com sua mãe e sobrinha, vai dando à Sabrina o gostinho e a alegria do que é ter uma família e ser cuidada por ela, mas isso dura pouco. Um cafetão que explorava Inês em outras épocas e que a mesma não queria ver nunca mais, pensando inclusive que teria morrido, bate à porta da família e, numa luta corporal desenfreada, a assassina na frente da mãe e da menina. Esta, para sustentar a si mesma e a avó, passa a aceitar as propostas indecorosas do açougueiro da cidade. A situação é flagrada por Andrea Doria, personagem coadjuvante, de apenas treze anos, que, em decorrência de sua paixão pela arte da dança, vivencia constantes conflitos com seu pai e sofre com ataques machistas e desrespeitosos que ele faz a si e a sua mãe, Paloma. Após a morte da “tia Inês”, a complexidade do mundo de cada personagem vai criando novas nuances na narrativa, permitindo a reflexão sobre temas como exploração sexual infantil e juvenil, homoafetividade, pedofilia, violência contra a mulher, relações abusivas, depressão e outros, como desenvolvimento sustentável, causas sociais e adoção.

A partir deste resumo inicial, consideramos que o enredo de *Sapato de Salto* nos conduz a considerar ao menos dois elementos na análise desta narrativa: o narrador e as personagens. Além disso, é essencial acompanhar as perspectivas que nos são apresentadas por estes diferentes personagens e que convergem para uma narração principal com todas as suas nuances, instigando o senso crítico do leitor para uma série de ocorrências sociais muitas vezes encobertos pela hipocrisia de uma sociedade bastante deteriorada.

Considerando esta seleção categórica, o ponto de vista narrativo será analisado recortando dados que trazem à tona informações acerca do contexto sociocultural e que vão além das características físicas dos personagens, pois permitem inferir sobre seus sentimentos e personalidade, impactando a percepção do leitor sobre a verossimilhança da história e sua conexão com a realidade atual.

Em relação aos personagens, enfatizamos a menina Sabrina, personagem principal da obra, e o casal Matilde e Gonçalves, que a “empregam” em sua casa. Além destes, o adolescente Andrea Doria que, de certa forma, também sofre abuso sexual de seu par amoroso, e sua mãe Paloma, mãe de família que decide adotar Sabrina, resgatando-a de um destino que a empurra para a prostituição. O contexto envolto à Sabrina e sua relação com estes personagens permitem ao leitor – terceiro elemento a ser observado – refletir a situação da criança em vulnerabilidade social e dos adolescentes em conflitos familiares, ressignificando conceitos acerca de temas complexos como a prostituição e a homoafetividade e desenvolvendo, por meio da literatura, o conceito que defendemos aqui, a empatia necessária ao entendimento e transformação das ações humanas, confirmando então seu papel “humanizador”.

O foco narrativo: ponderações e caminhos

Mesmo quando o narrador não se interpõe diretamente entre nós e os seres ficcionais, eles são feitos de palavras, escolhidas e arranjadas num conjunto estruturado por alguém.

(LEITE, 2002, p.12)

Por meio das indicações, interferências ou até mesmo, ausências do narrador, podemos construir sentidos mais completos para a compreensão e a interpretação do romance. No caso de *Sapato de Salto*, a narrativa inicia-se com Sabrina, uma menina de dez anos,

batendo à porta do casal Matilde e Gonçalves, os quais possuem dois filhos pequenos, uma menina de três anos e um menino de quatro. Sabrina chega sozinha à casa, no momento em que a família está almoçando

A família ficou quieta comendo. Lá pelas tantas dona Matilde olhou pro seu Gonçalves:

- Não gostei do jeito dela.

- Por quê?

- Ah, sei lá, quis logo ir pegando a Marilda.

- Mas se você chamou ela pra ser babá das crianças, você não vai querer que ela pegue as crianças?

- Não chamei nada. Quando me ofereceram uma menina lá do orfanato eu disse logo, é uma experiência, vou fazer uma experiência. [...]

- Será que ela presta?

- E por que que ela não vai prestar?

- Uma menina assim sem pai, sem mãe, sem nada, será que presta?

- Mas você não disse que não sei quem arranjou uma empregada ótima nesse orfanato?

- É.

- Então? (BOJUNGA, 2018, p.11-12).

Há poucas interferências do narrador e as mesmas aparecem entremeadas aos diálogos diretos desenvolvidos pelas personagens. Pelas ações destas e pelo uso coloquial da linguagem, são apresentadas suas características físicas e psicológicas e o tempo e espaço em que se passa a narrativa. Percebe-se que a história de Sabrina será a da criança desvalida, desassistida pelo Estado e enxotada pelas famílias “de bem”, presentes em qualquer localidade do nosso país. A técnica aproxima intimamente o leitor dos personagens e dos fatos narrados e

pode nos dar a ilusão de que estamos diante de uma pessoa nos expondo diretamente seus pensamentos, quando, na verdade, tanto o NARRADOR como o leitor ao qual ele se dirige são seres ficcionais

que se relacionam com os reais, através das convenções narrativas: da técnica, dos caracteres, do ambiente, do tempo, da linguagem (LEITE, 2002, p.12)

Na cena em questão, o fato de uma menina de dez anos estar chegando para trabalhar de babá contextualiza o leitor com ambiente onde impera a desigualdade social e as crianças não são tratadas com o devido cuidado e respeito, primeiro por se admitir que qualquer delas tenha que trabalhar ao invés de brincar, segundo pelo fato dessa mesma criança ser responsável pelo cuidado de outras. E assim, de modo discreto e equilibrado, em *Sapato de Salto*, temos um narrador que, disfarçando-se numa terceira pessoa que se confunde com a primeira (no caso, a personagem principal, Sabrina) contrapõe a ordem familiar vigente e denuncia prática comum das famílias consideradas “modelo” no Brasil do início do século XXI: de retirar meninas nos orfanatos para submetê-las a serviços domésticos, sem direito a escola nem salário, configurando verdadeira exploração do trabalho infantil.

Detalhes necessários para a construção do sentido a ser construído vão sendo apresentados ainda no primeiro capítulo. Outros trechos expõem importantes observações por parte do narrador, as quais acrescentam reflexões e guiam a compreensão e construção de sentidos para o leitor

Dona Matilde chupava muita bala, tinha pressão baixa, dormia depois do almoço, de noite tinha um sono de pedra. Avisou pra Sabrina:

– Deixa a porta do teu quarto aberta. E presta atenção: se criança chora de noite, já sabe: vai lá e vê o que ela quer, se é água, biscoito, se é calça molhada.

E de dia, o dia todinho, a Sabrina tinha que distrair a Marilda e o Betinho. E a roupa dos dois pra lavar e passar. E a mamadeira pra preparar. E a calça pra trocar. E o mingau pra misturar. E o telefone pra atender (taí à toa, menina? quando o telefone toca, já sabe, atende logo). E a toda hora uma comprinha pra fazer:

“Dá um pulo na padaria e pega o pão.”

“Vai buscar um litro de leite.”

“Corre no botequim: seu Gonçalves tá sem cigarro.”

Sabrina corria, num instantinho voltava, achava tudo legal; mal acabava o almoço já pensava no lanche; era só acabar de lanche pra pensar o que que ia ter pro jantar. A Marilda sempre do lado, o Betinho do outro, os três se gostando muito, tome risada e brincadeira, festinha e beijo estalado. De noite, quando deitava, Sabrina ainda queria ficar lembrando o bife desse tamanho, o pão com geleia e manteiga, a tevé tão enorme, mas dormia logo: o corpo moído. Pulava cedo da cama; quando o casal acordava, a Sabrina já tinha lavado, passado, brincado, cuidado (BOJUNGA, 2018, p.13-14).

Combinando o discurso direto com a descrição sumária, o narrador apresenta a relação de exploração estabelecida entre o dominante e o dominado, aproximando o leitor de Sabrina: menina inocente, enfrenta as tarefas pesadas do dia-a-dia na casa de Matilde e Gonçalves com alegria e como se fosse uma adulta. Passa o dia ocupada e, ainda que muito se cansada, fica satisfeita por ter casa, comida e tevé. A intimidade da família tradicional é rompida e seu modo desumano de tratar as crianças é exposto pelo narrador: os dois adultos eximem-se de cuidar dos filhos pequenos, inclusive à noite. Não atendem ao telefone, nem vão à padaria ou ao comércio local. Até a compra do cigarro é atribuída como função da criança.

Nas entrelinhas da narrativa, o leitor vai percebendo que, nesse assoberbado de tarefas, Sabrina não tem tempo para ir à escola e seu único contato com o mundo externo é durante as saídas rápidas para buscar itens no comércio para o casal. Ninguém no externo a percebe, nem se importa, evidenciando que a ótica da narrativa é o interno da família tradicional. O detalhamento do sono forte da mulher durante à noite e a exigência para que a menina deixasse a porta do quarto aberta, preparam o leitor para a situação de abuso sexual que se instalará a seguir, garantindo sua verossimilhança no romance e proximidade com o mundo real.

Outros detalhes nas intervenções realizadas pelo narrador revelam a intenção da autora em desencadear certo efeito sobre o leitor.

Seu Gonçalves ria daquela história da Sabrina trocar nomes. E ficava esquecido da vida vendo ela e os filhos brincando. Quando ela virava cambalhota pra divertir as crianças, ele ainda ria mais. E meio que fechava o olho querendo ver melhor a calcinha que a Sabrina usava. Um dia trouxe bala pra ela. Ela se espantou:

– Pra mim? – Presente.

– Presente pra mim? – Que que tem, ué?

– Primeira vez que eu ganho. – Ah, é? – E noutra dia trouxe mais.

Sabrina se encantou.

– O senhor tá até parecendo meu pai.

(...)

Seu Gonçalves chegou perto da Sabrina e falou em tom de segredo:

– Olha o que eu trouxe pra você. – Hmm, quanto bombom!

– Não conta pra ninguém, viu?

(...)

O hábito do segredo se formou entre os dois. (...) Ele deu pra esconder bombom no jardim. (...) Quando o Betinho e a Marilda se distraíam, a Sabrina saía procurando bombom. Adorava a brincadeira. Quando encontrava o presente, cochichava pro seu Gonçalves: achei! Sem nem se dar conta de que a nova brincadeira era mais um segredo se formando entre os dois (BOJUNGA, 2018, p.16-17).

Nos trechos, o narrador coloca-se por trás dos acontecimentos para mostrar ao leitor cenas que evidenciam o interesse do senhor Gonçalves em ganhar a confiança da menina e a inocência desta, atribuindo ao homem o *status* de pai. O interesse do homem em ver a calcinha da Sabrina suscita desconfiança no leitor, assim como a entrega de presentes e a constituição do segredo entre os dois. Por outro lado, a menina vê tudo como uma brincadeira que um pai faz com a filha, escondido da mãe. A expressão “sem nem se dar conta” sugere que o homem vai, cada vez mais, envolvendo a criança, e esta, inocentemente, vai se tornando cúmplice de sua trama. O leitor

passa então, a suspeitar das atitudes “bondosas” do homem. Leite (2002) atribui este efeito a categoria do autor implícito e cita Maria Lúcia Dal Farra.

Manejador de disfarces, o autor, camuflado e encoberto pela ficção, não consegue fazer submergir somente uma sua característica — sem dúvida a mais expressiva — a apreciação. Para além da obra, na própria escolha do título, ele se trai, e mesmo no interior dela, a complexa eleição dos signos, a preferência por determinado narrador, a opção favorável por esta personagem, a distribuição da matéria e dos capítulos, a própria pontuação, denunciam a sua marca e a sua avaliação. (O narrador ensimesmado, p. 20. *apud* LEITE, 2002, p.19).

Na criação de um universo ficcional, o narrador provoca questionamentos no leitor e deixa lacunas para o mesmo preencher, guiando sua interpretação. Nesse sentido, em *Sapato de Salto*, as intervenções do narrador fazem o leitor questionar as intenções do adulto para com a criança, ao mesmo tempo em que percebe a inocência desta. A autora intitula o capítulo como “O segredo azul fraquinho” e, no desenrolar das cenas, vai dando sentido ao mesmo: a cor azul representando o homem que busca enfraquecer as defesas da criança sendo “bonzinho” para ela, com a intenção de proteger seu segredo é uma estratégia utilizada para se aproximar da menina e envolvê-la. Já no final da história, em capítulo intitulado “Pra você que me lê”, confirma-se a posição do autor implícito na voz do narrador.

Foi só deixar a Paloma lá no quarto pontuando com um suspiro as resoluções tomadas e botar o Andrea Doria na cozinha esquentando a sopa pro jantar (um e outro entregues a uma súbita sensação de alívio e paz), que me deu vontade de aproveitar esse momento de sossego e vir pra cá, pro espaço que criei pra nós, e que chamei de *Pra você que me lê* (BOJUNGA, 2018, p.253, grifos da autora).

Como afirma Leite (2002), numa “imagem do autor real criada pela escrita”, o narrador de *Sapato de Salto* está fora dos acontecimentos, sabe de todos os detalhes, sentimentos e emoções, mas está subordinado a uma visão mais ampla, a qual comanda seus movimentos e das personagens, orientando os acontecimentos para causar efeito crítico e humanizador no leitor, já predeterminado pela presença de um narrador que se identifica como a autora.

As personagens: juízos

O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam.

(CANDIDO, 2009, p.53)

As personagens são essenciais para a materialização da história, dando-lhe vida e atraindo a atenção do leitor, que pode se identificar, aderir à defesa de um ou outro ou repudiar determinado personagem por suas ações e personalidade.

Da leitura de *Sapato de Salto*, o leitor, certamente, guardará a impressão dos acontecimentos vivenciados pela personagem Sabrina e de alguns outros em torno dela, essenciais para completude do enredo. A menina é apresentada como órfã abandonada, anonimamente, ao nascer, na porta de um orfanato por sua mãe, antes desta amarrar uma pedra no pescoço e se jogar ao mar para morrer. Ao completar dez anos, é enviada pelo orfanato para trabalhar em uma casa de família. É, a princípio, pequena, magra, “bonitinha”, inteligente, esperta, “boa de serviço”, engraçada e atenciosa com as crianças menores, alegre e ingênua; carrega consigo uma fome exagerada e carência afetiva de amor familiar, atenção e carinho. Após o estupro torna-se amedrontada, assustada, cansada e triste. Após ser resgatada pela tia e conviver por algum tempo

com ela e a avó, volta a sorrir e mostra-se resiliente após o assassinato, grata e cuidadosa com avó, da qual não admite se separar.

A realidade enfrentada pela personagem Sabrina ressoa sobre a história, em nosso país, de milhares de crianças que já foram e que ainda hoje são abandonadas por mães solteiras ou até mesmo casais em situação de miséria. A personagem representa, então, a criança em situação de vulnerabilidade social. O nome Sabrina, simbolicamente, designa “princesa”, fazendo sentido com a ocupação central da mesma na narrativa e a referência que, culturalmente, fazemos da criança que nasce menina, “é uma princesa”; neste sentido, o nome também pode ser interpretado de modo irônico, pois uma princesa todos deveriam amar, cuidar e proteger, bem ao contrário do que ocorre na narrativa. Sua orfandade e a condição de miséria a expõe ao mundo do trabalho, da exploração e dos mais variados tipos de violência na casa do casal Matilde e Gonçalves, forçando um crescimento prematuro e endurecimento diante às agruras da vida. Quando em contato com seu Gonçalves, sua carência afetiva e material a faz aceitar presentes em segredos, enquanto sua inocência nem desconfia dos gestos maliciosos, dando ao leitor uma percepção do que se passa na vida real. Quando decide ficar na casa apanhando e sofrendo abuso e, mais tarde, quando é explorada sexualmente pelo açougueiro da cidade, o leitor vai sendo tomado de entendimento do que é a desigualdade social no país e da diferença entre prostituição e exploração sexual.

As características dos personagens influenciam o leitor na construção de sentidos do texto. À medida que vai conhecendo o contexto, os sonhos e conflitos de cada um, o leitor vai se engajando na história, interagindo e sensibilizando-se. No personagem Andrea Doria, garoto de treze anos, apaixonado pela dança e totalmente confuso e inseguro, observa-se também a orfandade pela ausência dos pais e de amigos. Ele e Sabrina são duas crianças com histórias de vidas diferentes, mas igualmente ingênuos e solitários. Enquanto a Sabrina sofre violência e abuso sexual, Andrea Doria sofre

violência moral por parte do pai e, na ausência afetiva deste, torna-se presa fácil para aproximação de um adulto que, fazendo-se de amigo e fingindo amor, o atrai para satisfazer-se sexualmente. Na aproximação dos dois personagens, a autora consegue retratar a situação de orfandade em que se encontram as crianças e adolescentes que têm família, mas não tem paz, têm casa, mas não têm lar, ou simplesmente, não têm nada. Também é possível perceber a força dominadora e machista nos personagens masculinos em torno de Sabrina e Andrea. Seu Gonçalves domina a Matilde, que, apesar de ranzinza e ríspida, faz todos os seus gostos e vontades, sendo subserviente e omissa com seus atos. Assim também, Paloma, mãe do Andrea Doria, de alma generosa e compreensiva, vive oprimida pela ignorância e autoritarismo do marido, sem conseguir ajudar a si mesma e ao filho até conseguir, num processo constituído dentro da narrativa, se libertar e salvar a si mesma, o filho e a Sabrina.

No que se refere as personagens, pode-se dizer então, que a narrativa *Sapato de Salto* está organizada em torno de uma criança, Sabrina, e em torno desta, surgem as demais personagens, acrescentando informações ao seu contexto, mas também entrelaçando novos conflitos e histórias paralelas que, em seu conjunto, contribuem para ampliar os significados e os valores acerca da visão de mundo que se tem sobre abuso sexual, prostituição, pedofilia, família, criança e homoafetividade.

Um leitor descalço...

Sabendo que a literatura é um espaço de diálogo entre a realidade e a ficção e considerando que “o autor implícito pode levar-nos à visão de mundo que transpira da obra” (LEITE, 2002, p.18), bem como “as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar” (CÂNDIDO, 1972, p.84), procuraremos contextualizar tais preceitos à leitura

da obra *Sapato de Salto* e o possível efeito que a mesma pode provocar no leitor quando este se coloca em processo de interação com o texto.

Tomemos como ponto de partida o título da obra *Sapato de Salto*, a ilustração da capa e os sentidos que podem ser construídos para o mesmo em nossa cultura. Um sapato de salto é usado pela mulher que deseja mostrar-se elegante, sexy e sensual, sendo um objeto muito utilizado também pelas prostitutas para atrair a atenção dos homens. Na ilustração da capa, entretanto, há uma fita métrica no salto, causando estranhamento e suscitando a indagação no leitor que vai reorganizando sua interpretação ao lembrar que o objeto também é usado para elevar a estatura, fazendo com a que mulher pareça mais alta. No caso da trama, o sapato de salto é usado pela tia da Sabrina para se prostituir e pela Sabrina quando vai ao matagal com o açougueiro. Em ambos os casos, há uma transformação e, no caso da criança, uma verdadeira passagem do mundo infantil para o mundo adulto. Mundo este que o leitor acompanha a menina entrar desde que saiu do orfanato, sendo submetida à exploração e abuso sexual, agressão física, maus tratos vários que vão o aproximando da mesma, desencadeando neste a empatia e sensibilização. Ao leitor cabe torcer pelo bem da personagem principal, mas chega mesmo acreditar que não há saída para ela. Os acontecimentos são mostrados ao leitor de modo tão envolvente que os mesmos se tornam parte do processo de constituição do caráter de Sabrina e, vivenciando esse processo, o compreende, o entende e sua visão de mundo, antes pequena, agora se expande e se totaliza na realidade.

O mesmo acontece em relação a personagem Andrea Doria, menino dócil, educado, com um gosto diferente dos outros meninos da sua idade: a dança. E um sentimento igual ao de tantos outros: a solidão. No conflito interior e familiar representado, o leitor é como que convidado a vivenciar emoções e sentimentos que podem tocá-

lo profundamente, modificando ou não suas percepções sobre a realidade que o cerca. Ao discutir a força de representação do texto ficcional, Candido (1972, p.85) é enfático:

Paradoxos, portanto, de todo lado, mostrando o conflito entre a ideia convencional de uma literatura que eleva e edifica (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver,

É exatamente o que pode acontecer com o leitor, seja criança, adolescente, jovem ou adulto, ao interagir com a literatura *Sapato de Salto*. Experienciando, por meio de uma linguagem simples, ao mesmo tempo simbólica, poética e crítica, cenas fortes de violência sexual, desrespeito, preconceito, discriminação, assassinato, mas também situações de acolhimento, compaixão, libertação, amizade e altruísmo têm-se o vislumbre da complexidade de mundos que habita o ser humano, podendo tornar-se mais empático e compreensivo.

Conclusões

Neste apanhado de reflexões, buscamos conjecturar sobre como a literatura bojuanguiana consegue tratar de temas complexos e polêmicos desvelando diversas facetas do ser humano de forma inteligível, tão real e chocante quanto o impacto dos acontecimentos por meio dela representados.

Percebe-se que os temas representados em *Sapato de Salto* não estão situados em uma determinada localidade, pois não há identificação de tempo e espaço na narrativa. Entretanto, esta

ausência pode simbolizar que a realidade retratada nesta ficção pode acontecer em qualquer lugar e em todo tempo e, por isso mesmo, carece de maior atenção e melhor tratamento social e humano.

Ao colocar no centro de sua narrativa a criança em situação de vulnerabilidade social, participando da vida interna da família tradicional, Lygia Bojunga escancara a necessidade de assistência do Estado aos menores abandonados e de acompanhamento nos processos de adoção e vai além, chamando atenção da sociedade para a importância de olhar com amor, atenção e cuidado para as crianças do nosso país. Sendo o seu leitor uma criança ou um adolescente, abre-se para uma realidade individual e alargam-se os horizontes do entendimento sobre prostituição, exploração sexual, violência doméstica e adoção, sem, no entanto, deixar de lado todo o trabalho estético que configura seu texto ficcional.

Dessa forma, temos em *Sapato de salto* uma literatura inquietante e questionadora, que trata do bem e do mal com magia, sutileza e alto grau de significações, podendo tornar-se fonte de prazer para o leitor em formação e importante provocação à sua empatia e humanização.

Referências

BOJUNGA, Lygia. *Sapato de Salto*. 3.ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2018.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*. 24 (9), p. 803-809, set., 1972.

_____. *A Personagem de Ficção*, 11.ed. – São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. *Literatura e Sociedade*, 9.ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul, 2004, p. 169-191

FEBA, Berta Lúcia Tagliari. *Pesquisas sobre a obra de Lygia Bojunga e suas*

contribuições, Passo Fundo: 12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura, 2013.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*, 10.ed., São Paulo: Ática, 2002. Série Princípios.

MEC, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. *Estatuto da Criança e do Adolescente*, Brasília: Assessoria de Comunicação Social, 2005.

MOTTI, Ângelo. *Violência sexual contra crianças e adolescente: Marcos conceituais – Abuso sexual*, Ilustrador Rafael Limaverde, Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2019.

PALHANO, Tatiana Coelho. *Leitura e desleitura na obra de Lygia Bojunga*, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009.

PEREIRA, Italiene Santos de Castro. *As representações do sapato na polissemia de Sapato de Salto, de Lygia Bojunga*, Instituto de Letras e Linguística – ILEEL – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PGLETRAS – Universidade Federal de Uberlândia.

PERRONE-MOISES, Leyla. *Flores de escrivainha: ensaios - A criação literária* -, São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.